

O FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, LITTERARIO, RECREATIVO E NOTICIOSO

PROPRIETARIO E DIRECTOR—JOAQUIM D'ARAÚJO LACERDA JUNIOR

ASSIGNATURAS

| | |
|-----------------------------------|------------|
| Um anno | 15200 réis |
| Ses mezes | 3600 |
| Para o Brazil, por anno | 23000 |
| Para a Africa, por anno | 15200 |
| Numero avulso | 30 |

Annunciam se as obras das quaes se recebe 1 exemplar.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de
Joaquim d'Araujo Lacerda Junior
Administração—RUA DA AGUA
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES

| | |
|--------------------------------|---------|
| Annuncios—cada linha | 40 réis |
| Repetições | 20 |
| Imposto do sello | 10 |

Originães sejam ou não publicados não se restituem
Annuncios permanentes e communicados
preço convencionado.

REPUBLICA PORTUGUEZA

A alma portugueza esteve durante alguns dias sob a mais indizível impressão, em consequencia dos acontecimentos de Lisboa que fizeram baquear a monarchia e estabeleceram em seu lugar o regimen republicano.

Estes acontecimentos causam taes enthusiasmos n'uns e taes receios n'outros que, na realidade, se torna por enquanto impossivel poder affirmar-se o que sahirá da revolução que tão profundamente convulsionou a vida nacional portugueza.

O que sabemos é que nos achamos na presença de um facto consumado e que aquelles que assumiram a herança, e

bem pesada que ella é, da monarchia, promettem nas suas proclamações um regimen de ordem e de progresso, de liberdade e tolerancia, implantando uma nova era, a do resurgimento de Portugal em todas as manifestações da actividade humana.

Sein nos deixarmos arrastar por enthusiasmos, nem por sobressaltos, só diremos em tão solemnes momentos que a nossa patria é bem merecedora de que todas as energias, dedicações e sãs vontades coope-rem para que a ordem publica seja um facto, para que á violenta commoção porque todos passaram, succeda um periodo que se saliente por essas

aspirações de paz, de bom governo, de moralidade, de progresso, que tão gravadas estão nos que collocam acima de tudo unicamente o bem da patria.

Pela nossa parte nunca outra cousa desejamos. Estabelecida a republica em Portugal, mais um motivo temos para dizer desassombradamente o que pensamos, como o diziamos no regimen anterior; e o que pensamos reduz-se a bem pouco: a que se faça um supremo esforço para que o bem da patria seja uma realidade.

Nunca nos prenderam outras ambições; nunca n'esta vida jornalística sahimos da linha traçada pelo dever e, por-

tanto, não é de consciencia leve que apresentamos os nossos votos e exprimimos o nosso pensamento. Querer a grandeza de Portugal, querer unicamente o bem da patria, não é só affirmar um desejo, é tambem manifestar aos que lidam na politica, aos que assumiram o governo da nação, que esta tem direito a ser bem servida e a que sejam lealmente cumpridas as promessas feitas nas proclamações.

E tudo leva a crêr que assim se realisará, pois as promessas feitas tem o baptismo do sangue dos que venceram e tambem do sangue dos vencidos, sangue sagrado aos olhos de todo o bom patriota.

Aos Ex.^{mos} assignantes

Aquelles que estão em debito de suas assignaturas pedimos a fineza de as mandarem satisfazer, o mais breve possivel, poupando-nos assim a trabalho e despesas. Temos assignantes que nos devera tres annos, e portanto todos nos obsequieiam mandando satisfazer seus debitos, pois decerto não ignoram que a publicação d'um jornal demanda avultadas despesas.

Igualmente fazemos o mesmo pedido aos nossos assignantes da Africa e do Brazil.

A Administração.

NOTICIARIO

Vieram passar alguns dias á sua aprazivel quinta do Ribeiro Traveso os nossos presadissimos e bons amigos, Srs. Joaquim e Antonio Lopes de Paiva, poderosos e respeitaveis proprietarios e capitalistas em Lisboa.

Foi tranferido para a segunda vara civil de Lisboa o nosso dedicadissimo e prestimoso amigo, Sr. Dr. Jeronymo do Couto Rozado, intelligente e probo delegado, duran-

te alguns annos n'esta comarca, aonde deixa verdadeira saudade, pela forma brilhante como soube exercer tão espinhoso cargo.

Que S. Ex.^a encontre na nova comarca a felicidade que ambiciona, é todo o nosso desejo.

Foi despachado Delegado do Procurador Regio d'esta comarca, o Sr. Dr. Henrique Augusto da Rocha Teixeira, cavalheiro que gosa das melhores referencias.

Estiveram n'esta Villa os nossos amigos e assignantes Srs. Adriano Rodrigues Costa, do Troviscal, e Armando Carvalho Castanheira, de Pedrogam Grande.

Vimos n'esta Villa o nosso presado amigo e assignante Rev.^o P.^o Hygino Lopes do Rego, digno Vigario d'Agúda.

De passagem para Castro Verde tivemos o gosto de cumprimentar n'esta Villa o nosso amigo e assignante, Sr. Antonio José de Carvalho.

Já regressou da Figueira da Foz com sua esposa e filhinha, o Sr. Dr. Mario Cid, digno advogado e proprietario n'esta comarca.

Chegou ha dias de Soure, aonde foi passar algum tempo com sua fa-

milia, o nosso bom amigo, Sr. Elizio Nunes de Carvalho, habil escrivão notario n'esta comarca.

No dia 10 do corrente pelas duas horas da tarde, teve lugar o baptismo da filhinha recém-nascida do nosso presado amigo, Sr. Alfredo Correia de Frias, sendo padrinhos da neophyta, o nosso tambem amigo, Sr. Alfredo Carreira d'Azevedo, digno recebedor d'este concelho e sua esposa.

Já fechou por este anno, em Figueira da Foz, o deposito da fabrica do pão de ló d'esta Villa.

A esposa do nosso querido amigo, Sr. Joaquim d'Araujo Lacerda Junior, deu á luz no dia 8 do corrente, com extrema felicidade, uma robusta menina.

Mil parabens.

No dia 8 do corrente tivemos o gosto d'abraçar o nosso velho, honrado amigo e assignante, o Sr. Manuel Henriques de Carvalho, do lugar do Bollo da freguezia da Castanheira de Pera do concelho de Pedrogam Grande.

E' digno da nossa estima pelo seu bello character.

Tem passado muito melhor de saude o nosso amigo Rev.^o Manuel

dos Reis de Mattos, parochio da freguezia de Campello d'este concelho.

Recebemos na nossa redacção o nosso bom amigo, Sr. José Simões Prior do lugar do Funtão Fundeiro de Campello.

Esteve n'esta Villa de visita aos seus amigos o tambem nosso amigo, Sr. Manuel Lopes Boavida, digno professor official d'Aréga.

Anónimos

Até que alfim lá raiára
A rubra aurora,
Que flammea como apontára,
Já não descora!...

Que seus ridentes fulgores
Não enfraqueçam,
E seus almos esplendores
Nos engrandeçam!

Sim, que d'aqui a dez annos,
O governantes,
Os fozozos luzitanos
Sejam gigantes!...

Que os puderes da nação
Façam justiça,
E que da governação
Fuja a cubiça!

Porque afinal, sendo assim,
Rirão d'alem!
E Portugal, um jardim,
Rirá tambem!...

DIZER MAL

Do Governo em geral, ou d'uma auctoridade local em particular, é hoje coiza vulgarissima, o que realmente não é para espantar... porque muitos governos se tem desgovernado e muitissimas auctoridades se tem desactorado.

O que na verdade é para ponderar se, é que a maior parte dos maldizentes—grossos e miolos—só digam mal por systema e muitas vezes, por isso mesmo, digam mal dos bons e bem dos maus: uns por ignorancia ou má vontade, outros por conveniencia propria ou descaradas paranympagens.

Assim são geralmente os inimigos das auctoridades e os maldizentes dos governos: de maneira que a esta gente só governos desgovernados conveem e auctoridades exauctoradas servem.

Ora, toda esta gente que por systema ou interesse proprio maldiz, toda esta tropa a quem nada serve e que parece detestar tudo que cheira a auctoridade, é supinamente auctoritaria e despotica: Odeia o mandato nos outros, mas se chega a ser qualquer coiza publica, é para ver então a sua empavonada auctoritaria! «Se queres ver o villão, mettelhe a vara na mão!»

Gente das arabias! A intolerancia que nos outros condemnam, cresce n'elles para o geral dos simplicis mortaes; mas para os immorreitoiros amigos... decresce d'um modo escandalozol

Ora, uma auctoridade assim... cheia de excepções e parcialidades... desauthoriza-se, não ha dúvida.

Emquanto cada um não corrigir em si aquillo que nos outros exproubra e prasma, está claro que tudo isto irá de mal a peor, porque os maus vão abandalhando e corrompendo os bons, ou aquelles que ainda tenham vontade de o ser.

Assim, tudo o que ha muitos annos se tem feito e está fazendo, não é mais que alimentar a arvore do mal e destroncar a do bem. É uma perfeita Babel aonde ninguem se entende! De maneira que uns querem o Governo liberal, outros o libera-

FOLHETIM**AO TELEPHONIO**

Era justamente meia noute, quando a telephonista que estava de serviço, ouvindo tilintar a campainha, levou o auscultador ao ouvido e escutou:

Uma voz de mulher, como que estrangulada pelo medo e pela dôr, disse no meio de uma grande ancia:

—Está lá!... Está lá! Por quem é, peço-lhe que chame um medico e m'o envie a minha casa. Envenenei-me por engano e não tenho ninguem comigo... Faltam-me as forças para pedir soccorro. Por quem é, por piedade, chame-me um medico. Sou Joanna de Bièvre, rua Laugier, 2. Se não me acodem, morro *infallivelmente*. Ah!...

A voz extinguiu-se. A telephonista tocou para pedir explicações, mas o telephonio permaneceu silencioso.

Isto passava-se no posto telephonico da rua Wagram, em Paris.

Justamente n'aquelle momento achava-se na sala o chefe do posto. A telephonista pol-o ao facto do que

lismo anárchico; estes a religião de Baalphegor, aquelles a de Christo!

É porém certo que a propaganda do mal tem conseguido a desmoralização dos povos n'algumas terras... devido á manifesta indifferença dos influentes locais que só costumam influir em vespersas d'Eleições... que do contrario bem pouco mal teria feito a tal propaganda.

Ora, posto isto que é a verdade, perguntamos: Que tem a fazer os defensores da arvore do bem, se a não quizerem ver mais destroncada?

Rennir-se a modo, levantar propaganda contra propaganda, abrir escolas particulares a expensas dos ricos de boa vontade e forcejar por chegar ao poder, primeiro em minoria, como para dizer ao paiz da sua arte do governar, e depois... como puderein.

Com respeito á contrapropaganda, alguma coiza tem feito e estão fazendo; mas, francamente, achamos pouco e pobre, quando os seus adversarios até pamphletos gratuitos, que fazem um mal enorme, tem posto em circulação aos cinco mil! É um livro por tal preço ninguem deixa de o aceitar e ler, embora depois o queime!

Pouco e pobre, repetimos. E não respondendo categoricamente ás acuzações de seus inimigos, menos e mais pobre se torna ainda.

«Deus e Patria, amor, fé, liberdade», era o lemma dos Martes d'outrora! Eis pois! «Defender a Verdade», seja o vosso, Guerreiros d'agora!

28-9-10

P. Gomes.

Altanaria

Nas provincias limitrophes da Persia e da Georgia, caçam se raposas, lebres, cabras silvestres, etc., por meio de aguias para esse fim adestradas. Este divertimento acha-se a tal ponto arreigado nos habitos d'esses povos que de boa vontade compram os ricos, por altos preços, as chamadas *aguias caçadoras*.

Essas caçadas são como as nossas antigas de altanaria, em que se empregavam os falcões, e de que tanto se abusou que estas aves de rapina quasi ficaram com a raça extincta no nosso paiz. O caçador mon-

lhe haviam transmittido pelo telephonio. O chefe riu, dizendo:

—Não nos faltava mais nada senão chamar medicos para quem se lembrar de os reclamar. Porque não o pedem directamente? Graças a Deus, não faltam postos com telephonio. Só quando se trata de fogo é que somos obrigados a chamar os bombeiros. O regulamento limita-se a isto e nada mais. E anda perfeitamente, do contrario era um nunca acabar; não passavamos de uns moços de recados dos senhores assignantes. Além de medicos eram capazes de pedir que lhes chamassem o barbeiro, o alfaiate ou o sapateiro. Essa senhora designou algum numero?... Ah, não! De mais a mais, á nossa escola!... Nada de zelo... Quem sabe além d'isso se se trata de alguma brincadeira de mau gosto! Ha graciosos para tudo. Não ultrapasemos o regulamento.

A telephonista não replicou, continuando o seu serviço até de madrugada.

Quando se retirou, como passasse por um posto medico, lembrou-se do que occorrera, da chamada pelo telephonio e, dominada por certo escrupulo, entrou.

O posto era o mesmo a que ella

ta a cavallo com a aguias na sua frente, levando esta a cabeça encapuzada; assim que apparece a caça, a ave é destapada, e lá vae ella em perseguição do animal ambicionado; attinge-o, prende-o nas suas garras, e sujeita-o até que venham os caçadores tomar conta d'elle.

Ha pouco tempo, appareceu á venda, na Georgia, uma d'essas aguias, que passava por ser a mais habil e dextra das que se conheciam. Pois, para a obter, um opulento principe russo deu em troca quatro dos seus melhores cavallos e 17 servos com suas familias.

A ANNUNCIACÃO

Um dia, em vez do rabby velho, Passou um anjo entre as palmeiras. Nem os pastores co'os rebanhos, Nem juncto á fonte as lavadeiras Viram no ceu signaes extranhos Do vôo d'um anjo entre as palmeiras.

Nuncio de Deus, poizando em terra, No lar modesto de Maria. Entrou um anjo, um peregrino, E a sua voz, uma harmonia, Enche da múzica d'um hymno O lar modesto de Maria.

—«Quem sois?» pergunta a Virgem tímida. Aponta o anjo para o Ceu: —«Casta Maria, eu te bendigo, Cheia de graça, e ao Filho teu, «Que o proprio Deus será contigo.» E aponta o anjo para o Ceu.

Trémula a voz, prostrada em terra, —«Eu sou a escrava do Senhor», A Virgem Sãnta balbucia. D'um vôo subtil ouve o rumor. Ninguem! Repete então Maria: —«Eu sou a escrava do Senhor!»

Alberto Pimentel.

ANNUNCIO

O proprietario da photographia **Ideal Portugueza**, sita em Figueiró dos Vinhos, tem a honra de agradecer a todas as pessoas que se tem dignado honral-o com a sua presença nos trabalhos photographicos.

Tambem faz saber a todos em geral que se encarrega de installações de campainhas electricas, pára-raios e telephones.

Quem pretender quaesquer d'es-

e a familia accorriam quando necessitavam do auxilio da medicina.

Subiu e ao medico que estava de serviço disse-lhe o que succedera e indicou o nome e a rua da pessoa que fizera a chamada, Joanna de Bièvre, rua Laugier, 2.

Como o medico puzesse em duvida a seriedade da chamada, a joven telephonista disse:

—Faca como quizer, sr. doutor; no seu lugar sempre iria, pois trata-se de uma nossa assignante que dizem ser rica.

—A que horas telephonaram?

—A meia noute.

—E são?...

—Seis horas.

—Se é verdade estar no estado em que diz, então já não dou nada por ella.

—Como entender, doutor; parece-me que nada perderia em ir.

A telephonista retirou-se e o medico quedou-se um pouco pensativo, mas irresoluto se devia ou não ir.

Como ás oito horas fosse rendido por outro collega, para ficar sem escrupulos na sua consciencia, dirigiu-se para a rua indicada pela telephonista e entrou na casa em que devia residir Joanna Bièvre.

O porteiro acompanhou-o até ao

seus serviços, dirija-se a José Mendes, —Photographo—em Figueiró dos Vinhos.

VFNDE-SE

Uma casa situada na rua da Cadeia, com bom quintal, parreira, patio, lojas, e de 2.º andar, novas.

Quem pertender dirija-se a **A. PEREIRA MENDES—Figueiró dos Vinhos.**

MARTYRIO

Beijar-te a fronte linda;
Beijar-te o aspecto altivo,
Beijar-te a tez morena;
Beijar-te o rir lascivo.
Beijar o ar que aspiras,
Beijar o pó que pisas,
Beijar a voz que soltas,
Beijar a luz, que visas.
Sentir teus modos frios,
Sentir tua apathia,
Sentir até repudio,
Sentir essa ironia;
Sentir que me resguardas,
Sentir que me arreceias,
Sentir que me repugnas,
Sentir que me odeias;
Eis a descrença e a crença,
Eis o absyntho e a flor,
Eis o amor e o odio,
Eis o prazer e a dor!
Eis o estertor da morte,
Eis o martyrio eterno,
Eis o ranger dos dentes
Eis o penar do inferno.

Junqueira Freire.

COMO!?

Pois os pequenos podem lá ser bons sem o correspondente exemplo dos grandes!? Pois os grandes podem lá esperar que os pequenos não sejam uns sangrentos desordeiros... quando elles—contra as leis do sen paiz—se desafiam e batem em duellos, embora ás vezes simulados e sempre por questões de lonacaprina!...

Como!? Pois os pequenos podem lá ser probos e honrados, honestos e sinceros para alguém... quando os grandes lhes dão mil exemplos do contrario!? Pois os grandes podem lá esperar que os pequenos se respeitem e os respeitem... quando elles são a personificação da má lin-

segundo andar da casa, onde ficavam os aposentos da inquilina que o medico procurava.

Ao mesmo tempo que subia a escada, o porteiro ia dizendo:

—Essa senhora vive dos proprios rendimentos. É ainda nova e nada feia com os seus cabellos louros. Mora n'esta casa ha quatro annos e vive com todas as commodidades, graças ao legado que lhe deixou um individuo rico, com quem devia casar, dizia-se. Ordinariamente, serve-lhe de dama de companhia uma irmã mais velha, que ha quinze dias foi á terra, que fica além de Rennes. A irmã esperava-a hoje mesmo.

Quando o porteiro chegou á porta que dava para os aposentos de Joanna Bièvre, premiu o botão da campainha electrica, que tilintou durante alguns segundos.

Ninguem veio, porém, abrir a porta. O porteiro tornou a fazer tocar a campainha, mas nada. Nem um unico passo se ouviu, que indicasse que alguém se dirigia para a porta a fim de a abrir.

O porteiro começou a sentir-se inquieto.

(Continúa)

gua, do escândalo e do desrespeito nos seus escriptos publicos!?

Não, isso não pode ser! Os grandes não podem nem devem esperar que os pequenos sejam melhores que elles! E não porque é decima para baixo e não debaixo para cima, que as grandes ou pequenas evoluções sociais — boas ou más — sempre tem actualidade e actualão!

Logo, o grande da má lingua e do pagilato, da desordem e do sicariato, da corrupção publica e da exploração popular, etc. etc. o grande que só é grande na propaganda do vicio que defende e na prática de toda a sorte d'abuzos e de crimes que patrocina, nada bom tem a esperar dos pequenos!

E não sabem ou não vêem estes grandes-pequenos, estes collossos do mal e pygmens do bem, que á noite o dia succede e que depois d'um tempo outro vem!... Semeiem, semeiem, grandes do mal, que a seu tempo colherão!...

—Os Napoleões não voltam! dirão elles sorrindo irónicos.

—Podem voltar! lhes responderemos nós a serio. Mas que não voltem, de mais serão-nos seus proprios adeptos — instrudinholos como estão — para os fazer arrependem da licencioza propaganda que, em nome da innocente liberdade, há annos vêm fazendo aos quatro ventos, porque enfim... Licença não é Liberdade!

Eia pois, grandes do mal, semeae, que a seu tempo colheréis! E se não fordes vós, serão vossos filhos, serão vossos netos! Semeae pois, que a seu tempo colheréis mil por mil!

E' bem que pague quem deve: A dynamite, a roubalheira, o punhal, o revolver... O mando marcha!

Mas, ó grandes da desmoralização popular: Ou vós sois cegos ou não quereis ver! E o não «querer ver» é a peor das cegueiras ou cegueiras humanas... assim como o desmoralizar hoje para escravizar amanhã é a peor das tyrannias d'este mundo!

Lisboa, 27-9-10.

J. P. de Castro.

DE PEDROGAM GRANDE

Foi por uma noite caliginosa de verão em que o firmamento cravejado de pequeninas estrellas que scintillavam por esse vasto infinito, em que a lua subindo cadenciosamente pelo espaço vae illuminando a terra por essa escuridão da noite Ella sempre procura as solidões e as ruínas. Ella espreita aquelles que sentados nos bancos d'algum jardim, trocam entre si mutuas palavras amorosas. E' ella enfim a companhia inseparavel dos namorados.

Pois foi n'uma d'estas noites que sentado eu, n'umas rochas no alto do cabeço dos Milagres, espargia a minha vista na amplidão da noite até aos confins dos horizontes.

Reinava então um socego verdadeiramente completo!

Este socego que era interrompido de vez em quando, pelo piar longiquo e funério do mócho, talvez metido na toca d'algum castanheiro. Pelo vô silencioso da coruja que passava constantemente sobre a minha cabeça. Pelo ruido das rodas de algum carro que deslisava por entre as curvas sinuosas e apertadas do Cabril. Pelo murmurio suave das

aguas do Zezere e das aguas da Ribeira de Pera que vêm escorregando de pedra em pedra até que se unem na confluenta, situada no sopé do cabeço dos Milagres, fizeram calir em mim uma verdadeira letargia em que estive mergulhado na contemplação de tão maravilhoso espectáculo que a Natureza me offerecia n'aquella noite calma e serena de verão! Estava verdadeiramente uma calmosidade insuportavel. Não havia ventó nenhum. O ar estava tranquillo e sereno. Não bolia sequer uma folhinha das arvores. Por esse campo além appareciam esses fogos-fatosos que tanto atterram os viandantes. Emfim, uma noite linda e cheia de luar!

No meio de todo este enlevo nocturno que me rodeára, admirava, enquanto no horizonte a lua ia subindo, as velhas ruínas d'um convento de S. Domingos que as tempestades dos tempos e dos annos o deruíram por terra, deixando-nos sempre essas paredes nuas para memoria d'esse convento extinto. A cada sombra, que sobre o sólo projectavam, parecia levantarem-se phantasmas que envolvidos em uns mantos brancos tanto atterram os viandantes nocturnos ao passarem em ruínas de templos fradescos e em sombrias e tristes moradas d'aquellas que se evaporam para as regiões do nada e do esquecimento eterno.

Ao lado do extinto convento encontra-se uma fonte chamada a da Luz, onde o grande escriptor que se chamou Miguel Leitão Andrade, e que Pedrogam se deve orgulhar por ter servido de berço a um patriótico tão altruista e a um tão grande escriptor, da escola quinhestistica ou Italiana, escreveu, esse grande poema prosaico intitulado a «Miscellanea», onde elle relata algumas passagens d'essa desastrosa batalha de Alcazer-Kibir e onde desapareceu para sempre esse tresloucado e infeliz rei D. Sebastião.

Davam no campanario d'uma povoação vizinha as badaladas compassadas da meia noite.

A lua dechuava já para o poente. No lado opposto já as estrellas rareavam no espaço. A manhã vindo cadenciosa mostrava no horizonte as côres matutinas.

O profundo silencio que reinára durante a noite ia ser interrompido com os trabalhos campestres.

Eu sempre sentado n'essa rocha bruta, informe, contemplava ora esse convento já n'um montão de ruínas, idealizando o que seria n'essa antiguidade quando os frades ainda existiam, ora o raiar sereno da aurora que ia mostrando as suas variadas côres matutinas.

A cotovia, em baixo, cantando saudava a aurora. Ao longe pelas povoações vizinhas ouviam-se os «cócócós» dos gallos que nas suas capoeiras cantavam, despertando os trabalhadores para regressarem aos trabalhos dos campos!

Todos estes enlevos me rodearam, durante a noite, completamente extasiado e embebido em tão maravilhosos espectáculos que se desenrolavam desde o alto do cabeço dos Milagres até ás curvas sinuosas dos horizontes, onde a terra se confundia com o céu!

Armando Carvalho Castanheira.

Abstracções

O' tu, que és como que o retrato
Do mais pavão,
Mas que p'r'um triste pisco ou pato
Beijas... o chão:

Deixa lá isso e põe-te a prumo
De cara ao Sol!
Levanta a fronte e nota o rumo
Da bella Algol!

Da bella Algol que a outros mundos
Dá vida e luz...
Onde ao ceu povos mil jucundos
Louvam a flux!...

Levanta a fronte e fita a Sirius,
D'outras esferas
Sol refulgente, aonde os lyrios
Tu não ponderas!

Vôa aos espaços, que ao voar
Verás que um pato
E' coiza pouca, e bem vulgar
O teu retrato!...

Levanta a fronte pois, e vê
Que és pequenino!
Deixa lá isso, pavo, e cre
No Ser divino!...

Umás feras!

Não vos parece impossivel
Que n'um mundo d'altruismos,
De infinitos humanismos,
E porisso ultra sensivel...
Se toquem... os barbarismos?

Pois tocam-se! E tão sangrinos
Que n'este globo humanista
Apenas ha quem rezista...
Ao punhal dos assassinos
Com mil sicarios á vista!...

Assim, os humanitarios...
Mais féros que as mesmas féras,
Matam agnos e pantheras,
Hyenas e dromedarios,
Cabras, ursos, porcos, meras!...

Em todos os animaes...
Da terra como dos mares,
Fazem mortes aos milhares
Esses féros cannibaes...
Que os dizem... bellos manjares!

Mas oiçamos os contrarios:
«Todos féras, tigres, potros,
«Despedaçam-se uns aos outros!
«E dizem-se humanitarios
«Os requintados marotros!...»

Isto dizem aquell's povos
Que cem vezes mais humanos,
Se chamam «vegetarianos»
E só vivem de renovos,*
Como alguns americanos.

—* Isto é: não comem coiza alguma que padeça morte, e por isso se dizem «vegetarianos» e o são em rigor, porque só vivem de vegetaes.

SECÇÃO HISTORICA

«Excerptos»

DO

«Thezoiro da Mocidade Portuguesa»

Fallar com franqueza

Quando D. Afonso V tocou a sua maioridade e assumiu as rédeas do Governo, não obstante haver escolhido para espoza uma filha do Infante D. Pedro que apenas deixava a regencia, medrara comtudo certa intriga — soprada pelo Con le de Barcellos — toda tendente a desacreditar o Infante, que era tido por innocente em todas as accusações que lhe faziam: não podendo o Conde de Abranches levar a passo tamanha injustiça, se foi ter com El-Rei, apresentando-se-lhe vestido de todas as suas amas, e lhe disse:

«Eu venho pedir campo a V. Alteza contra aquelles que ouzaram fallar mal do Infante D. Pedro, e machinam a sua ruina. Esta injuria só pode e deve ser expiada com o sangue dos calumniadores! Não devo pois resguardar o meu quando se tracta de defender um amigo auzente e injustamente ultrajado na sua pessoa e na sua honra!»

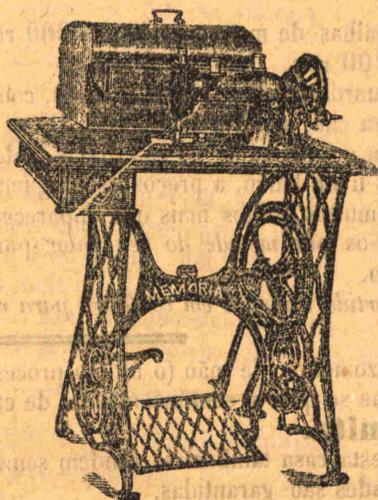
Disse. E El-Rei, ainda que não consentiu na proposta, muito louvára e mtudo a «franqueza e despreendimento» com que este fidalgo advogava a cauza d'um amigo auzente.

XXVI

Continúa

DEPOSITO

DE



MACHINAS DE COSTURA

das melhores marcas vindas directamente das Fabricas, dando assim logar a serem vendidas mais baratas

Recebem-se em troca machinas usadas, descontando-se pelo seu justo valor.

Ha tambem sempre em deposito machinas usadas para todos os preços. Peças soltas, correias, oleo e agulhas etc.

Loja do Povo

Francisco Rodrigues Ferreira
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

VENDA

DE

BONS PREDIOS

VENDE-SE uma boa casa de sobrado e lojas, com um bom armazem para vinhos, tendo um pequeno quintal pegado, sita á rua do Areal d'esta Villa.

—Uma propriedade de tera amanhada, com agua de poço, tendo oliveiras, videiras e outras arvores, casa de habitação, curraes e casa de forno, sita ás Eiras Novas, ares d'esta Villa.

—Uma terra amanhada com agua de rega, casa de forno, oliveiras, videiras, pinheiros e matto, sita ao Caramelleiro.

—Duas testadas de matto proximas do pinhal dos Araujos, muito proximas das estradas publicas.

—Um predio que se compõe de matto, pinheiros e sobreiras, sito ao Senhor Jesus da Sobreira e junto á estrada publica.

Os pretendentes podem dirigir-se a esta redacção para esclarecimentos.

DIZER MAL

Do Governo em geral, ou d'uma auctoridade local em particular, é hoje coiza vulgarissima, o que realmente não é para espantar... porque muitos governos se tem desgovernado e muitissimas auctoridades se tem desautorado.

O que na verdade é para ponderar se, é que a maior parte dos maldizentes—grossos e miúdos—só digam mal por systema e muitas vezes, por isso mesmo, digam mal dos bons e bem dos maus: uns por ignorancia ou má vontade, outros por conveniencia propria ou descaradas paranympagens.

Assim são geralmente os inimigos das auctoridades e os maldizentes dos governos: de maneira que a esta gente só governos desgovernados conveem e auctoridades exauctoradas servem.

Ora, toda esta gente que por systema ou interesse proprio maldiz, toda esta tropa a quem nada serve e que parece detestar tudo que cheira a auctoridade, é supinamente auctoritaria e despotica: Odeia o mandato nos outros, mas se chega a ser qualquer coiza publica, é para ver então a sua empavonada auctoracia! «Se queres ver o villão, mettelhe a vara na mão!»

Gente das arabias! A intolerancia que nos outros condemnam, cresce n'elles para o geral dos simplices mortaes; mas para os immortales amigos... decresce d'um modo escandalozol

Ora, uma auctoridade assim... cheia de excepções e parcialidades... desautoriza-se, não ha dúvida.

Emquanto cada um não corrigir em si aquillo que nos outros exproubra e prasina, está claro que tudo isto irá de mal a peor, porque os maus vão abandonando e corrompendo os bons, ou aquelles que ainda tenham vontade de o ser.

Assim, tudo o que ha muitos annos se tem feito e está fazendo, não é mais que alimentar a arvore do mal e destroncar a do bem. E' uma perfeita Babel aonde ninguem se entende! De maneira que uns querem o Governo liberal, outros o libera-

lismo anárchico; estes a religião de Babilphégor, aquelles a de Christol

E' porém certo que a propaganda do mal tem conseguido a desmoralização dos povos n'algumas terras... devido á manifesta indifferença dos influentes locais que só costumam influir em vespéras d'Eleições... que do contrario bem pouco mal teria feito a tal propaganda.

Ora, posto isto que é a verdade, perguntamos: Que tem a fazer os defensores da arvore do bem, se a não quizerem ver mais destroncada?

Rennir-se a modo, levantar propaganda contra propaganda, abrir escolas p rti calares a expensas dos ricos de boa vontade e forcejar por chegar ao poder, primeiro em minoria, como para dizer ao paiz da sua arte do governar, e depois... como pudérem.

Com respeito á contrapropaganda, alguma coiza tem feito e estão fazendo; mas, francamente, achamos pouco e pobre, quando os seus adversarios até pamphletos gratuitos, que fazem um mal enorme, tem posto em circulação aos cinco mil! E um livro por tal preço ninguem deixa de o aceitar e ler, embora depois o queime!

Pouco e pobre, repetimos. E não respondendo categoricamente ás acuzações de seus inimigos, menos e mais pobre se torna ainda.

«Deus e Patria, amor, fé, liberdade», era o lema dos Martes d'outrora! Eia pois! «Defender a Verdade», seja o vosso, Guerreiros d'agora!

28-9-10

P. Gomes.

Altanaria

Nas provincias limitrophes da Persia e da Georgia, caçam se raposas, lebres, cabras silvestres, etc., por meio de aguias para esse fim adestradas. Este divertimento acha-se a tal ponto arreigado nos habitos d'esses povos que de boa vontade compram os ricos, por altos preços, as chamadas *aguias caçadoras*.

Essas caçadas são como as nossas antigas de altanaria, em que se empregavam os falcões, e de que tanto se abusou que estas aves de rapina quasi ficaram com a raça extincta no nosso paiz. O caçador mon-

ta a cavallo com a aguias na sua frente, levando esta a cabeça encapuzada; assim que apparece a caça, a ave é destapada, e lá vae ella em perseguição do animal ambicionado; attinge-o, prende-o nas suas garras, e sujeita-o até que venham os caçadores tomar conta d'elle.

Ha pouco tempo, appareceu á venda, na Georgia, uma d'essas aguias, que passava por ser a mais habil e dextra das que se conheciam. Pois, para a obter, um opulento principe russo deu em troca quatro dos seus melhores cavallos e 17 servos com suas familias.

A ANNUNCIACÃO

Um dia, em vez do rabby velho, Passou um anjo entre as palmeiras. Nem os pastores co'os rebanhos, Nem juncto á fonte as lavadeiras Viram no ceu signaes extranhos Do vôo d'um anjo entre as palmeiras.

Nuncio de Deus, poizando em terra' No lar modesto de Maria Entrou um anjo, um peregrino, E a sua voz, uma harmonia, Enche da múzica d'um hymno O lar modesto de Maria.

—«Quem sois?» pergunta a Virgem tímida. Aponta o anjo para o Ceu:

—«Casta Maria, eu te bemdigo, «Cheia de graça, e ao Filho teu, «Que o proprio Deus será contigo.» E aponta o anjo para o Ceu.

Trémula a voz, prostrada em terra, —«Eu sou a escrava do Senhor», A Virgem Sáncta balbucia. D'um vôo subtil ouve o rumor. Ninguem! Repete então Maria: —«Eu sou a escrava do Senhor!»

Alberto Pimentel.

ANNUNCIO

O proprietario da photographia **Ideal Portugueza**, sita em Figueiró dos Vinhos, tem a honra de agradecer a todas as pessoas que se tem dignado honral-o com a sua presença nos trabalhos photographicos.

Tambem faz saber a todos em geral que se encarrega de installações de campainhas electricas, pára-raios e telephones.

Quem pretender quaesquer d'es-

e a familia accorriam quando necessitavam do auxilio da medicina.

Subiu e ao medico que estava de serviço disse-lhe o que succedera e indicou o nome e a rua da pessoa que fizera a chamada, Joanna de Bièvre, rua Laugier, 2.

Como o medico puzesse em duvida a seriedade da chamada, a joven telephonista disse:

—«Faça como quizer, sr. doutor; no seu lugar sempre iria, pois trata-se de uma nossa assignante que dizem ser rica.

—A que horas telephonaram?

—A meia noute.

—E são?...

—Seis horas.

—Se é verdade estar no estado em que diz, então já não dou nada por ella.

—Como entender, doutor; parece-me que nada perderia em ir.

A telephonista retirou-se e o medico quedou-se um pouco pensativo, mas irresoluto se devia ou não ir.

Como ás oito horas fosse rendido por outro collega, para ficar sem escrupulos na sua consciencia, dirigiu-se para a rua indicada pela telephonista e entrou na casa em que devia residir Joanna Bièvre.

O porteiro acompanhou-o até ao

tes serviços. dirija-se a José Mendes, —Photographo—em Figueiró dos Vinhos.

VFNDE-SE

Uma casa situada na rua da Cadeia, com bom quintal, parreira, patio, lojas, e de 2.º andar, novas.

Quem pertender dirija-se a **A. PEREIRA MENDES—Figueiró dos Vinhos.**

MARTYRIO

Beijar-te á fronte linda:
Beijar-te o aspecto altivo,
Beijar-te a tez morena;
Beijar-te o rir lascivo.
Beijar o ar que aspiras,
Beijar o pó que pisas,
Beijar a voz que soltas,
Beijar a luz, que visas.
Sentir teus modos frios,
Sentir tua apathia,
Sentir até repudio,
Sentir essa ironia;
Sentir que me resguardas,
Sentir que me arreceias,
Sentir que me repugnas,
Sentir que me odeias;
Eis a descrença e a crença,
Eis o absyntho e a flor,
Eis o amor e o odio,
Eis o prazer e a dor!
Eis o estertor da morte,
Eis o martyrio eterno,
Eis o ranger dos dentes,
Eis o penar do inferno.

Junqueira Freire.

COMO!?

Pois os pequenos podem lá ser bons sem o correspondente exemplo dos grandes? Pois os grandes podem lá esperar que os pequenos não sejam uns sangrentos desordeiros... quando elles—contra as leis do sen paiz—se desafiam e batem em duellos, embora ás vezes simulados e sempre por questões de lonacaprina!?

Como!? Pois os pequenos podem lá ser probos e honrados, honestos e sinceros para alguém... quando os grandes lhes dão mil exemplos do contrario!? Pois os grandes podem lá esperar que os pequenos se respeitem e os respeitem... quando elles são a personificação da má lin-

FOLHETIM**AO TELEPHONIO**

Era justamente meia noute, quando a telephonista que estava de serviço, ouvindo tilintar a campainha, levou o auscultador ao ouvido e escutou.

Uma voz de mulher, como que estrangulada pelo medo e pela dôr, disse no meio de uma grande ancia:

—«Está lá!... Está lá! Por quem é, peço-lhe que chame um medico e m'o envie a minha casa. Envenenei-me por engano e não tenho ninguem comigo... Faltam-me as forças para pedir soccorro. Por quem é, por piedade, chame-me um medico. Sou Joanna de Bièvre, rua Laugier, 2. Se não me acodem, morro *infallivelmente*. Ah!...»

A voz extinguiu-se. A telephonista tocou para pedir explicações, mas o telephonio permaneceu silencioso.

Isto passava-se no posto telephonico da rua Wagram, em Pariz.

Justamente n'aquelle momento achava-se na sala o chefe do posto. A telephonista pol-o ao facto do que

lhe haviam transmittido pelo telephonio. O chefe riu, dizendo:

—«Não nos faltava mais nada senão chamar medicos para quem se lembrar de os reclamar. Porque não o pedem directamente? Graças a Deus, não faltam postos com telephonio. Só quando se trata de fogo é que somos obrigados a chamar os bombeiros. O regulamento limita-se a isto e nada mais. E anda perfeitamente, do contrario era um nunca acabar; não passavamos de uns moços de recados dos senhores assignantes. Além de medicos eram capazes de pedir que lhes chamassemos o barbeiro, o alfaiate ou o sapateiro. Essa senhora designou algum numero?... Ah, não! De mais a mais, á nossa escolha!... Nada de zelo... Quem sabe além d'isso se se trata de alguma brincadeira de mau gosto! Ha graciosos para tudo. Não ultrapassemos o regulamento.

A telephonista não replicou, continuando o seu serviço até de madrugada.

Quando se retirou, como passasse por um posto medico, lembrou-se do que occorrera, da chamada pelo telephonio e, dominada por certo escrupulo, entrou.

O posto era o mesmo a que ella

segundo andar da casa, onde ficavam os aposentos da inquilina que o medico procurava.

Ao mesmo tempo que subia a escada, o porteiro ia dizendo:

—«Essa senhora vive dos proprios rendimentos. E' ainda nova e nada feia com os seus cabellos louros. Mora n'esta casa ha quatro annos e vive com todas as commodidades, graças ao legado que lhe deixou um individuo rico, com quem devia casar, dizia-se. Ordinariamente, serve-lhe de dama de companhia uma irmã mais velha, que ha quinze dias foi á terra, que fica além de Rennes. A irmã esperava a hoje mesmo.

Quando o porteiro chegou á porta que dava para os aposentos de Joanna Bièvre, premiu o botão da campainha electrica, que tilintou durante alguns segundos.

Ninguem veio, porém, abrir a porta. O porteiro tornou a fazer tocar a campainha, mas nada. Nem um unico passo se ouviu, que indicasse que alguém se dirigia para a porta a fim de a abrir.

O porteiro começou a sentir-se inquieto.

(Continúa)